



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

TEORIA QUEER NO FILME BAIXIO DAS BESTAS E AS CONFIGURAÇÕES DO FEMININO

*“Outrora aqui os engenhos
recortavam a campina
veio o tempo e os engoliu
ao tempo engoliu a Usina.*

*Um e outro inda há quem diga
que o tempo vence no fim
um dia ele engole a Usina
como engole a ti e a mim.”
(Poema de Carlos Pena Filho).*

CLÁUDIO ASSIS E O CINEMA PERNANBUCANO

O cinema Pernambucano em primeiro momento, mais especificamente na década de 20, era um cinema que “copiava produções americanas que dominavam os cinemas do Recife e acabavam influenciando os realizadores locais.” (FIGUEIRÔA, 2000, p. 14). Momento importante para o desenvolvimento de um cinema com identidade regional, que aos poucos, a partir de vários incentivos e momentos de crise, consolidou o que vemos hoje em matéria de produção, no entanto, a vinculação dos filmes produzidos ainda perpassa por dificuldades.

Assim, vários filmes no passado apresentavam enredos com influências de clássicos hollywoodianos, um diferencial era: “introduzir elementos regionais em que a realidade da vida [...] dos nordestinos era destacada e [...] explorada pela fotografia.” (FIGUEIRÔA, 2000, p. 15). O uso desse recurso pode-se observar nas figuras abaixo (Figura 1 e Figura 2) oferecendo um contexto regional e histórico ao espectador.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura



(Figura 1)



(Figura 2)

Tais imagens foram retiradas do filme “Baixio das Bestas”.

Na “Figura 1”, reflete a imagem de uma usina. No filme é uma sequência de fotografias que seguem nos primeiros planos, todas remetendo a indústria canavieira. A cor acinzentada figura um tom nostálgico. A sequência de imagens acompanha o recitar de um poema, ambos refletem o tempo, esse que “um dia ele engole a Usina - como engole a ti e a mim.”.

A “Figura 2” representa os campos de cana-de-açúcar, no decorrer do filme em diversos momentos é filmado esse contexto regional, reforçando a sua influência diante dos personagens e figurantes. Sabe-se que o cenário filmado em “Baixio das Bestas” é situado na zona da mata, onde a cultura do plantio de cana-de-açúcar rompeu séculos. Este é o plano de fundo para as “bestas” que infestam o lugar.

Focar a lente da câmera no ambiente que permeia todo um cenário reforça a importância que a região exerce sobre os personagens. Passo importante para o cinema pernambucano. Porém, muitos filmes que eram produzidos no passado ainda: “A fórmula era sempre com muita ação e um casal romântico com direito a final feliz”. (FIGUEIRÔA, 2000, p. 21). Fórmula essa encontrada nos filmes hollywoodianos.

Para entender essa influência nos enredos dos cineastas pernambucanos, vejamos a questão da representação do feminino. A mulher que era apresentada nas telas dos cinemas da época refletia uma figura frágil e



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

repleta de passividade, sua participação era indireta no desenrolar de um desfecho, era apenas um objeto.

Nos enredos as moças eram raptadas por vilões, na grande parte, esses vilões eram representados por algo que interrompia a relação de um casal romântico. Nos filmes “ela” era a partir da imagem de outro homem. A mulher era apresentada diante da “sombra” de um homem (FIGUEIRÔA, 2000).

Já os personagens masculinos encarnavam na figura de um “super-herói” lutando pela mulher amada. Sua influência era direta e norteia o desfecho.

Deste modo: “[...] os realizadores tentam aproximar-se da temática regional, embora não promovam alterações do padrão estético consagrado.” (FIGUEIRÔA, 2000, p. 28). Deste modo, o cinema pernambucano construiu aos poucos uma identidade, explorando nos filmes a realidade que cerca o ambiente natural.

Sabe-se que o cinema pernambucano passou por momentos de crise, a exemplo, o surgimento dos filmes sonoros. Os cineastas que surgiram nos grandes movimentos que aconteceram na década de 20, devido questões financeiras, não conseguiram adaptar-se a tecnologia sonora e desapareceram por um tempo. Apenas na década de 40 os cineastas reapareceram com o novo recurso. (Figueirôa, 2000).

No decorrer dos anos, devido a facilidades trazidas por tecnologias como a Super 8, novos cineastas apareceram e criaram diversos curtas e longas. O incentivo na frase: “Arranje uma câmera, reúna a turma, vá para a rua. A transa é filmar.” (FIGUEIRÔA, 2000, p. 39), impulsiona vários “personagens” a se juntar nesse âmbito cinematográfico que estava por se consolidar. Esses expressaram através das telas de cinema o sentimento nordestino.

Assim, o cinema pernambucano começou a ganhar formas, mas: “Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos cineastas foi, todavia, a distribuição das obras.” (FIGUEIRÔA, 2000, p. 25). E ainda



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

[...] a ausência de uma cadeia exibidora brasileira era um terrível inimigo para quem fazia cinema naquela época. Os filmes ficavam recolhidos nas prateleiras e os donos de cinema não acreditavam na ousadia do que se aventuravam a rodar uma fita. Eles se recusavam [...], a mostrar tudo que se relacionasse com o cinema nacional. (FIGUEIRÔA, 2000, p. 26).

Deparamo-nos com uma realidade que ainda enfrenta o cinema nacional diante de obras produzidas no exterior com grande vinculação da mídia, e termina por não ser um mercado lucrativo o cinema nacional. Isto está no imaginário popular, pois o cinema nacional é repleto de obras de grande valor artístico. No entanto, não podemos ignorar a influência estrangeira, de modo que

Não seria um exagero afirmar que os realizadores do grupo Ciclo do Recife aprenderam a fazer cinema vendo filmes. Ver obras cinematográficas não ensina a técnica de como construí-las, mas é o suficiente para, na posse do equipamento necessário, se tentar reproduzir aquilo que a tela mostra. Como a maior parte das películas exibidas na cidade, na década de 20, eram produções americanas de romance e aventura, o modelo de inspiração para as produções locais não poderia deixar de ser este. (FIGUEIRÔA, 2000, p. 26).

O cinema pernambucano consolidou-se, criou uma identidade, um estilo. Para expressar o que representa o cinema contemporâneo, eis uma cena de “Baixio das Bestas”: uma sala de cinema, onde há vários rolos de filmes e projetores empoeirados, o que restou de um passado, o personagem Everardo nos contempla: “Sabe o que é melhor no cinema? É que no cinema tu pode fazer o que tu quer”. Poder criar um espaço que reflete o real, exibindo as “bestas”, representando as raízes nordestinas, em suma:

Essa independência – não apenas financeira, mas da força criadora [...] – deverá ser fundamental para que o audiovisual feito em Pernambuco possa, finalmente, escapar das amarras de uma identidade cultural congelada e construir uma identidade múltipla e aberta onde seja possível uma interpretação dinâmica de sua própria história e, ao mesmo tempo, não escamoteie a exploração das linguagens contemporâneas. (FIGUEIRÔA, 2000, p. 118).

Portanto, os personagens de “Baixio das Bestas” refletem a realidade, o que é humano. As cicatrizes da tradição que ainda marcam o interior nordestino, tão diferente da capital, do mundo pós-moderno propagados na



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

mídia. As “bestas” que habitam nos homens esbanjam nos filmes de Cláudio Assis, filmando e montando cenários repletos de significados e horror.

DOS CANAVIAIS AO CINEMA DE CLÁUDIO ASSIS

No filme “Baixio das Bestas”, após os créditos, ouvimos nos primeiros minutos o curto recitar de um poema de Carlos Pena Filho. Ao som de cada palavra, diversas imagens em cor acinzentada seguem representando a Usina. Aspecto nostálgico, as palavras não poupam em descrever a realidade dos canaviais no interior do nordeste brasileiro.

O primeiro “tempo”, que o poema se refere é a usina, a implantação da indústria, no caso, essa que engoliu ao tempo. As usinas transformaram os cenários dos engenhos. O tempo que devorará a usina e ao homem que a estrofe refere-se logo em seguida, é, no cenário do filme “Baixio das Bestas”, no sentido de engolir a tradição.

O impacto do poema nos faz refletir sobre o contexto histórico e cultural da região nordeste. O território chamado “Baixio”, do filme “Baixio das Bestas”, da margem para análise desse contexto cultural, que é o objetivo desse tópico.

Estamos lidando com a região da zona da mata, onde a agricultura dominante é o plantio da cana-de-açúcar.

No início, fidalgos vindos da Europa trazendo centenas de patrícios pobres e outros aventureiros que se miscigenaram com índios e escravos descendentes da África formaram uma nova cultura nordestina. Por outro lado, as famílias de fidalgos canavieiros se entrelaçaram em matrimônios no Estado originando uma nova elite pernambucana que teve como ponto de partida a fundação das primeiras fábricas de açúcar bruto na década de 1530. (MOURA, 1998, p.15).

Sabe-se que a cana-de-açúcar, planta nativa das terras do Sudeste Asiático foi trazida na época Brasil-Colônia. Implantada no nordeste, assim como em outras regiões do país. Devido a grandes investimentos nessas regiões e os lucros arrecadados vários engenhos foram espalhados entre os campos. Muitos povoados se formaram em torno desses engenhos. De tal



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

modo, construíram-se as primeiras fábricas para o processamento da cana-de-açúcar. A realidade que se formou diante dessa economia, como descreve Falci (2007): “[...] economia baseada fundamentalmente na exploração extensiva da pecuária, agricultura de subsistência, e com um sistema de exploração de terras de grandes latifúndios – gerou uma população relativamente estável no século XIX”.

Nas cenas panorâmicas no filme “Baixio das Bestas”, deparamos com um cenário onde a realidade da seca não é tão sentida na zona da mata, é uma terra verde e cercada por rios, no entanto, o forte impacto aos hectares devido aos anos de colheita e queima de cana-de-açúcar o terreno parece aos poucos tornar-se árido e seco.

O trabalho empenhado nos engenhos era intensivo, a mão-de-obra em primeira instância era através das mãos de escravos negros e índios. Fazendo um corte histórico, e trazendo para uma época mais próxima ao século XXI, as novidades que surgiram com a industrialização, possibilitou que muitos engenhos fossem demolidos, abrindo espaço para as usinas e mais hectares de cana-de-açúcar.

Assim, o surgimento de novos meios de transportes como os caminhões e a abundância de estradas que ligavam os estados, os transportes a trem foram substituídos, hoje completamente abandonados. Para a população analfabeta e pobre, restou o trabalho de boia-fria. (MOURA, 1998).

Na “Figura 3”, cogita o típico trabalhador dos canaviais, na imagem, apenas homens que refletem o semblante nordestino, a cultura e a etnia que se formou em torno dessa região. Depois de um longo período de escravidão no Brasil-Colônia. No passado, inúmeros laços entre os senhores de engenho e as escravas de diversas localidades possibilitou a formação de toda uma cultura. (FALCI, 2007)



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura



(Figura 3)

No decorrer do Filme “Baixio das Bestas” é captado a imagem de caminhões percorrendo os canaviais, saturado de cana-de-açúcar ou repleto de trabalhadores, como na imagem acima. A partir disso, os caminhões representam o contemporâneo, que mesmo com suas modernidades, carrega sobre a caçamba o peso da tradição.

O ambiente em que vive esses personagens está em ruínas, o que ainda resiste é a cultura. A tradição é bem percebida no personagem Seu Heitor, no filme “Baixio das Bestas”, mas outro fator também foi herdado, o trabalho braçal nos canaviais, os boias-frias também resistiram ao tempo. Um trabalho que era amplamente exercido pelos escravos, atualmente, essas pessoas são escravas do capitalismo. Deparamo-nos com o tipo de economia que arruinou muitas usinas.

O personagem Everardo diz: “A pobreza é que nem um câncer. Não pode ter nenhuma parte boa no mundo, vai destruindo tudo, pegando pulmão. A pobreza é que vai socializar o mundo”. Mediante esse discurso:

“a acumulação de bens em poucas mãos e a farta distribuição da miséria para muitos, nestas abissais desigualdades morando o inimigo, ou seja, a contradição fundante deste modo de produção, ao qual são inerentes à injustiça e a iniquidade. Sem a concretização desta verdadeira lei, acumulação e miséria, o capitalismo não se sustentaria, ou melhor, nem seria capitalismo.” (SAFFIOTI, 2004, p. 14).

A partir da interpretação do discurso de Everardo e do tipo de modelo econômico que vivemos na atualidade, na necessidade de trabalhadores pobres e analfabetos, enxergamos o significado do título “Baixio das Bestas”



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

num sentido mais amplo. O capitalismo precisa de “bestas” para arrancar os lucros que restaram de um passado de escravidão e trabalho árduo.

As mulheres em meados do século XIX não tinham tantos direitos. Seu lugar estava restrito ao lar, visto que o trabalho era dever do homem. O que restava a mulher nesse período: cuidar dos filhos, do ambiente doméstico e, se for o caso de uma senhora de engenho, comandar alguns escravos. Analfabetas, pouquíssimas ganharam certa instrução. O que vemos na personagem Auxiliadora, em “Baixio das Bestas”, reflete o que as mulheres vivenciaram no passado e ainda persistem certos valores que ditam o que é ser-mulher nessa reclusa região do nordeste brasileiro. O convívio da personagem é restrito ao lar e a satisfazer os desejos de Seu Heitor, outro personagem do filme, dito pai de Auxiliadora (ele é a representação de uma autoridade, como um senhor de engenho). Auxiliadora submetendo-se e cala diante da autoridade de Seu Heitor, poucas vezes lhe dirigiu alguma palavra ou olhou nos seus olhos, submissa, é mais uma questão de sobrevivência diante desse “monstro” patriarcal. (FALCI, 2007).

Território marcado culturalmente pela figura de um senhor de engenho, a dona de casa, os filhos gerados por esse casal e seus escravos. Mesmo com a derradeira dos engenhos, os papéis ainda persistem, mas com novas “roupagens”. Segundo Falci (2007), as bases que edificaram essa cultura nordestina: “Ali se gestou uma sociedade fundamentada no patriarcalismo. Altamente estratificado entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre escravos e senhores, entre “brancos” e “caboclos””.

A diferença existente entre a figura da mulher, representada pela personagem Auxiliadora, e o patriarcado em Seu Heitor, é bem visto nas extremidades de “Baixio das Bestas”, na sua pequena população, mostra a “besta” moral que existe destros dos homens, a submissão e o poder encrustados na terra batida.

A realidade que vemos nos ambientes do filme “Baixio das Bestas” esta repleta de estruturas antigas, em ruínas, ainda dos tempos onde às usinas



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

movimentavam grandes quantidades de lucros e investimentos nas regiões em volta. Hoje, trilhos das antigas ferrovias, abandonados. “Baixio” está deteriorando-se, e “[...] os filmes são interessantes porque mostram antigos códigos se desmoronando, prontos para ruir mas ainda se aguentando.” (KAPLAN, 1995, p.19).

No filme de Cláudio Assis, sentimos a crua realidade de um pequeno ambiente chamado “Baixio”, um submundo, distante das capitais e grandes centros que estamos acostumados a vivenciar nos cinemas e na mídia, onde as “bestas” gritam entre os canaviais. O sentido “Besta”, como discorre Falci (2007): “Pelas leis antigas a escrava era considerada uma coisa, podendo ser vendida, dada, alugada, como se fazia com as bestas”. Nessa vertente, a mulher interpretada pelos personagens de “Baixio das Bestas” demonstra esse corpo que parece desprovido de subjetividade, um objeto, onde há “fogo” a ser gerado, corpo que pode ser comprado, uma passividade que necessita do homem.

Assim, segundo Falci (2007): “O isolamento do sertão, as condições locais de povoamento, as condições ambientais de clima e a formação de uma sociedade patriarcal altamente estratificada influíram nas especificidades das mulheres [...]”. Então, o masculino também reflete essa bestialidade? A ignorância.

VOYEURISMO E EXIBICIONISMO EM BAIXIO DAS BESTAS

A cena representada na “Figura 4” depara-se com o personagem Seu Heitor despindo Auxiliadora. Enquanto tira suas roupas, ela não o olha. Cabisbaixa. Completamente nua, com os cabelos cobrindo o rosto, ainda observa o que está a frente, vários homens a observam.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura



(Figura 4)

Seu Heitor parece um “deus”, apoiado sobre a bengala apresenta “sua criação” aos outros homens, esses fascinados e repletos de desejos. Seu Heitor exerce sobre a personagem Auxiliadora um: “[...] olhar masculino, visto, no patriarcado, como capaz de dominar e reprimir a mulher, por seu poder controlador sobre o discurso e o desejo femininos.” (KAPLAN, 1995, p. 16).

Na imagem acima, observa-se dois mecanismos de perversão, primeiro o exibicionismo, que “refere-se à gratificação erótica obtida por uma pessoa ao mostrar seu corpo [...]” (KAPLAN, 1995, p. 33), pode-se observar que a prática é inteiramente mensurada por Seu Heitor. O corpo que ele exhibe é seu, um objeto que o pertence, sua propriedade. Auxiliadora aceita cabisbaixo.

Segundo, o voyeurismo, que: “refere-se à gratificação erótica em olhar-se para alguém sem ser visto [...] é uma perversão ativa, praticada principalmente por homens.” (KAPLAN, 1995, p. 33). A personagem observou rapidamente o que estava à frente, mas logo voltou os olhos ao chão, o lugar que pertence, abaixo do patriarcado. Os homens a desejavam. Contemplam uma inocência a ser pervertida. Seu Heitor exerce um controle financeiro sobre o corpo de Auxiliadora, ele é o senhor do espetáculo.

PATRIARCADO EM RUÍNAS?

Um questionamento se faz nesse tópico: patriarcado em ruínas? Questionamento que surge diante do ambiente em que se desenvolve a trama e pela própria figura do personagem Seu Heitor. Numa questão geográfica, lidamos com o interior nordestino, uma realidade totalmente diferente das



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

grandes cidades, onde várias tradições ainda são mantidas. O patriarcado é figurado em Seu Heitor.

Sabe-se que, a região da mata-sul, nos tempos dos engenhos, um modelo de família era instituído: pai, mãe e filhos. Típico modelo de família nuclear. De modo que: “Só é declarado pai aquele que se submete à legitimidade sagrada do casamento, sem o qual nenhuma família se integra.” (ROUDINESCO, 2003, p. 22). Em algum momento existia uma mulher que representava o papel de mãe entre Seu Heitor e Auxiliadora, no filme, apenas no discurso.

No passado, o lugar do pai era o trabalho, a mãe restrita ao lar e satisfazendo as necessidades do marido e filhos. O pai: “Heroico ou guerreiro, o pai dos tempos arcaicos é a encarnação familiar de Deus, verdadeiro rei taumaturgo, senhor das famílias. Herdeiro do monoteísmo, reina sobre o corpo das famílias e decide sobre os castigo infligidos aos filhos.” (ROUDINESCO, 2003, p. 21).

Depois desse breve levantamento, vemos como a figura patriarcal era importante nesse contexto familiar, afinal era quem administrava as terras e negócios, a responsabilidade maior era dele e os outros o obedeciam, uma sociedade verticalizada. O Seu Heitor se assemelha a imagem de um senhor de engenho, é a encarnação de um deus. O poder sobre Auxiliadora é sagrado, superior: “o pai é aquele que toma posse do filho, primeiro porque seu sêmen marca o corpo deste, depois por que lhe dá seu nome.” (ROUDINESCO, 2003, p. 22). No convívio revela-se: “[...] de que modo o olhar masculino dominante, com o lastro do seu poder político e econômico, [...] relega a mulher à ausência, ao silêncio e à marginalidade, usando uma série de mecanismos, cada vez mais malignos.” (KAPLAN, 1995, p. 20). A jovem quase não fala qualquer palavra e não olha diretamente em seus olhos tamanha sua autoridade diante dela. Vemos que

A naturalização do feminino como pertencente a uma suposta fragilidade do corpo da mulher e a naturalização da masculinidade como estando inscrita no corpo forte do homem fazem parte das



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura
tecnologias de gênero (LAURETIS, 1987), que normatizam condutas
de mulheres e de homens (SAFFIOTI, 2004, p. 77).

Diante disso, o Seu Heitor impõe e Auxiliadora cabe obedecer a sua força e poder. O patriarcado ainda vive, mas “manca”.

O ambiente que é reservado a Auxiliadora é o mesmo que no passado era exercido pela esposa, restrito ao lar, saindo algumas vezes apenas sob as ordens de Seu Heitor, o controle sobre a subjetividade dela é bastante claro: “[...] traz em si uma tal superioridade econômica e social que resulta numa autoridade que impõe exigências sobre a mulher.” (KAPLAN, 1995, p. 20), ele é quem dita para onde ela deve ir e vim, nas palavras dele “Ocupar a cabeça dessa menina, senão o diabo toma de conta”, a partir dessa fala vemos as intensões do personagem, o intensivo controle sobre os desejos da personagem, de modo que: “Qualquer anseio por subjetividade só será possível à custa da realização do desejo, uma vez que, para a mulher é impossível ser sujeito e ser dona do seu prazer.” (KAPLAN, 1995, p. 20).

Para dizer-se sujeito é necessário tem controle sobre seus desejos, mas, no caso de Auxiliadora, ela submetesse ao patriarcado, tem seus desejos reprimidos para satisfazer os desejos do homem que a controla. Abstendo-se de seus desejos, por conta do poder patriarcal. Sacrifica seu ser.

No decorrer do filme, vários acontecimentos e uma revelação que é decisiva para compreensão do forte poder manipulador de Seu Heitor. Quando Auxiliadora foi estuprada por Cícero, antes, Seu Heitor rompe em raiva, e agride Auxiliadora. Enquanto rebate com chibatadas nas costas de Auxiliadora, grita “traidora!”: “um castigo por recusar-se a submeter-se aos códigos que definem seu espaço e limitam suas possibilidades ao que o patriarcado exige.” (KAPLAN, 1995, p. 24).

Revela em meio à raiva, que no passado ele haverá sido abandonado pela sua mulher, e não permite que Auxiliadora o abandone. Assim, vemos como ele depositou suas frustrações na jovem, impondo-lhe controle sobre sua vida para que ela não fosse “contaminada pelo mundo”, e liberta-se. O



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

patriarcado, nesse caso, exerce-se essa função de aprisionar a personagem, no caso, Seu Heitor esta sobre o disfarce de “pai”, suas intensões são outras.

Na revelação mostra uma ferida, uma fragilidade, não é tão onipotente. O controle sobre Auxiliadora era eficaz, pois ela dependia de Seu Heitor para viver.

No ambiente doméstico, a figura de Seu Heitor é como um deus. Jamais questionado e distante de olhares reprovadores. A relação entre os dois é de desconhecimento das pessoas em volta, o que emerge são apenas especulações, ou simplesmente ignoram. Afinal a figura patriarcal é um valor que apensar de “mancar”, ainda é pertinente. O personagem Maninho censurou o comportamento de Seu Heitor para com Auxiliadora, bêbado foi expulso a bengaladas, foi contra o poder e recebeu a penalidade por seu ato.

O tipo de violência que vemos entre os personagens Seu Heitor e Auxiliadora é a psíquica e moral. Nota-se,

que apenas a psíquica e a moral situam-se fora do palpável. Ainda assim, caso a violência psíquica enlouqueça a vítima, como pode ocorrer – e ocorre com certa frequência, como resultado da prática da tortura por razões de ordem política ou de cárcere privado, isolando-se a vítima de qualquer comunicação via rádio ou televisão e de qualquer contato humano -, ela torna-se palpável. (SAFFIOTI, 2004, p.17).

Através de tortura e controle intensivo sobre a vida de Auxiliadora, trás uma ideia do que no passado era bastante evidente, a mulher presa no ambiente familiar e satisfazendo as necessidades do marido. De modo que Seu Heitor não lhe causa danos físicos, apenas um momento no final do longa-metragem. No decorre de “Baixio das Bestas”, uma intensa violência moral e psíquica, querendo torna-la numa “besta”, sem defesas e desprovida de racionalidade. Privando sua racionalidade, improvável libertar-se. Maneira de expressar a condição de Auxiliadora é vista na “Figura 9”, onde a trouxa de roupa que leva sobre a cabeça assemelha-se a uma rocha. O fardo que a desvincula do meio social, o único contato é através de poucas pessoas com o consentimento de Seu Heitor.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Em vários momentos do filme, o espectador depara-se como Seu Heitor comercializa o corpo de Auxiliadora. Ela é um objeto, que além de saciar as necessidades dele, ainda torna-se uma mercadoria. Daí outra relação de poder exercida, afinal, o capital esta em suas mãos, ela precisa sobreviver, pois sem ele o que lhe resta é a miséria, daí sua condição de “besta”, submetendo-se a esse poder.

Ao longo do filme, vemos como a imagem do patriarcado é encarnada em Seu Heitor. O seu poder subverte Auxiliadora, essa ficando sobre sua responsabilidade. É uma questão de sobrevivência, a jovem acaba por ceder à vida diante desse monstro patriarcal. Muito do tratamento dele para com ela é devido a um sentimento de vingança, alimentado pela frustração do abandono de sua esposa. Auxiliadora é digamos “castigada”, e através disso Seu Heitor ganha dinheiro e supre as necessidades domésticas. Conclui-se que o patriarcado em “Baixio das Bestas” submete a questão feminina, incorporada por Auxiliadora, a condição de besta.

“As fronteiras, já muitos tênues, entre o urbano e o rural deixaram de existi.” (SAFFIOTI, 2004, p. 16). Será que os caboclos de lança que invadiram e assassinaram o Seu Heitor representam essa quebra entre o urbano e rural? A morte de uma tradição, o patriarcado?

E ao patriarcado, engoliu o tempo.

ESTUPRO X FEMME FATALE EM BAIXIO DAS BESTAS

O personagem Cícero estuda na capital, podemos entender esse fator preponderante no sentido que, quando se depara com a realidade interiorana, se chocaria com um ambiente totalmente diferente a movimentada cidade. No entanto, vemos a influência do contexto regional sobre a subjetividade, ele passou a exercer a “bestialidade” através de um grupo de amigos, comandado por Everardo, referência de pai para o jovem Cícero. No ambiente familiar,



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Cícero é ausente de uma figura paterna, o pai que “pouco esta se importante se estuda ou não”, vê em Everardo a referência ausente.

Temos duas realidades distintas, uma o patriarcado esmagador de Seu Heitor sobre Auxiliadora, representado uma tradição. Outra realidade é a família de Cícero, representação de uma família contemporânea, que no decorrer do filme, vemos a figura patriarcal ausente e uma mãe não restrita ao lar, um modelo de família mais moderna.

No grupo liderado por Everardo, a um grande consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas, o “[...] incentivo a que os jovens os consuma, já que sua publicidade sempre os associa a força, coragem, charme”. (SAFFIOTI, 2004, p. 16). O álcool como instrumento para desperta a masculinidade, a virilidade, o ser homem no ambiente interiorano do nordeste.

Os personagens desse grupo esbanjam virilidade pelos cantos que passam. Primeiramente, as questões que envolvem Everardo. Jovem e independente. Teve contato com o mundo moderno, mas preferiu o interior. Nas cenas que aparece no decorrer do filme, esta sobre o efeito de álcool e drogas.

Analisemos a “Figura 5”, onde a personagem Dora se banha com álcool. Exibicionismo e voyeurismo, semelhante à cena na “Figura 4”. Desperta a masculinidade dos homens que a assistem, é o grupo de Everardo, sem a presença de Cícero. O ambiente que envolve essa cena é o antigo cinema da cidade. É lá onde o grupo “pode fazer o que quiser” referindo-se a própria frase de Everardo, podem despertar a virilidade e serem homens. Em seguida, estupram a personagem Dora, penetrando um objeto de madeira representando o pênis.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura



(Figura 5)

Na cena que representa a imagem acima, é mostrado um tipo de perversão, o fetichismo. Everardo manuseava o pedaço de madeira na hora do estupro. Materializa no objeto um pênis e penetra-o em Dora, “com o objetivo de neutralizar o medo da diferença sexual, isto é, da castração.” (KAPLAN, 1995, p. 33).

Na “Figura 6”, vemos a sequência da imagem anterior (Figura 5). Onde aparece um jogo de sombras. Primeiramente vemos um dos jovens segurando uma garrafa de bebida alcoólica, imitando um pênis, reforçando a ideia de força e virilidade. Outro imobiliza Dora, enquanto Everardo segura nas mãos o pedaço de madeira. Everardo e os outros, agora podem fazer o que quiser com Dora, encarnar personagens, estão no cinema, ao palco, prontos para encenar.



(Figura 6)

Na “Figura 7”, Everardo estupra uma prostituta. Na imagem, ele está ajoelhado, ela fica numa posição curvada, como uma “besta”. Curvando-se diante do poder, o pênis: “Nessa ideia a repulsa (do homem) nasce de ele ser forçado a reconhecer a vagina, e com isso a diferença sexual.” (KAPLAN, 1995, p.23). Ela nega-se a ter relações com Everardo, ele impõe, diante de uma plateia que clama o seu deleite.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura



(Figura 7)

A personagem Bela não desejava ter relações com os homens. Tinha controle sobre seus desejos, não se submeteu a Everardo, no entanto, ele a forçou: “A relação masculina é querer “dá-lo a ela”, o mais dolorosamente possível e de preferência à força, primeiro para puni-la por tal (suposto) desejo, segundo para asseverar o controle sobre a sexualidade dela e finalmente para provar a “masculinidade” pela habilidade de dominar com o falo.” (KAPLAN, 1995, p.23).

O uso descontrolado de substâncias no grupo: “não somente pode provocar acidentes de trânsito como, igualmente, violência contra outrem”. (SAFFIOTI, 2004, p. 17). Assim, o uso incitou no acidente de uma criança entre os canaviais e no estupro de Auxiliadora.

Na “Figura 8”, Cícero pisa no pé de Auxiliadora, o lado “manco” do patriarcado (Seu Heitor), sinaliza uma força superior, a “tradição” foi rompida. A *femme fatale* foi reduzida a besta, e ele exhibe o pênis.



(Figura 8)

As figuras 5 e 7 se assemelham, ao caso de Auxiliadora, pois ela passou de ser observada para ser tocada pelos homens. Isso irritou Cícero, que antes gozava de sua visão, viu outros homens se apossarem do corpo desejado: “a



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

femme fatale deve ser assassinada. O revólver ou a faca assumem o lugar do falo que deve, eliminando-a, dominá-la.” (KAPLAN, 1995, p.22).

AUXILIADORA E O MITO DE SÍSIFO

A inspiração para delinear o tópico surge abaixo (Figura 9). Na figura, a personagem Auxiliadora carrega sobre a cabeça uma “trouxa de roupas”, como uma rocha, e caminha por diversos lugares cortando os canaviais.



(Figura 9)

Camus (2010) escreve: “Os deuses condenaram Sísifo a empurrar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança” (p. 137).

Primeiramente, transformar o cenário do filme em “O mito de Sísifo”. A “rocha”, simbolicamente, representa a condição da personagem Auxiliadora – liberdade reprimida - que em alguns momentos no filme, materializa-se na trouxa de roupas. Assemelhando-se a uma rocha, o peso dos valores tradicionais. Auxiliadora suporta: “Um rosto que padece tão perto das pedras já é pedra ele próprio!” (CAMUS, 2010, p. 138).

A montanha em que Sísifo carrega incessantemente a rocha é no enredo do filme, os diversos caminhos percorridos por Auxiliadora, o mundo. Todos os caminhos sobre a ordem de Seu Heitor. Limitada a seguir os desejos desse “deus”. A montanha em si representa Seu Heitor, pois ele é a “porta” para o mundo.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Seu Heitor é o “deus”, ou melhor, os “deuses”, que insere no convívio com Auxiliadora valores tradicionais, condenada a carregar essa “rocha”, sua vida em si é essa “rocha”, o fado que tem de suportar sem questionar a autoridade “divina” esmagadora.

Assim, chegamos ao essencial, Auxiliadora quando chega ao topo da montanha: “contempla então a pedra despencando em alguns instantes até esse mundo inferior de onde ele terá que tornar a subi-la até os picos. E volta à planície.” (CAMUS, 2010, p. 138). Voltar ao “inferno”, deparar-se novamente com a prisão onde vive. O cenário árido de Baixio e suas “bestas”. Na descida, a consciência, vê-se de volta ao “mundo inferior”, repetir “o trabalho inútil e sem esperança.” (CAMUS, 2010, p. 137).

“Este mito só é trágico porque seu herói é consciente.” (CAMUS, 2010, p. 139). Não é o objetivo deste tópico, falar do “Homem Absurdo” que Camus descreve, mas observar a partir de outra perspectiva a condição em que se encontra a personagem Auxiliadora. Vive cercada pelo poder de um “deus”, que condena a suportar uma “rocha”, num inútil trabalho, para saciar seus desejos e pagar o castigo de outrem.

Auxiliadora é consciente, submete-se, pois é uma questão de sobrevivência.

O SER MULHER NO FILME BAIXIO DAS BESTAS

“não se nasce mulher, torna-se mulher”.

(Simone de Beauvoir)

Na “Figura 4”, que fora analisada anteriormente, demonstra o primeiro instante com os personagens, Auxiliadora e Seu Heitor. Nessa imagem, Auxiliadora esta despida para outros homens. Seu Heitor está ao lado, ela é sua propriedade, os homens pagaram para vê-la. Acima dela, uma luz de cor amarelada ilumina o ambiente, atrás uma igreja em ruínas.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A visão que se tem de Auxiliadora é como algo divino, e a igreja logo atrás, remete a “tradição” em ruínas, ou seja, a decadência do patriarcado.

Percebe-se como Seu Heitor tem controle sobre a jovem. Auxiliadora aceita cabisbaixa. A personagem é como uma estátua, um totem, adorado e desejado. Nesse sentido, entramos na temática de gênero, para compreender esse ser no interior do nordeste pernambucano.

No decorrer do filme, em vários momentos, vê-se a relação de submissão de Auxiliadora para com Seu Heitor, os papéis foram definidos desde o primeiro momento. Assim: “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundado sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma primeira forma de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 41 APUD GALINKIN; ISMAEL, 2011, p. 508).

Notam-se as diferenças impostas entre os dois. A presença de Seu Heitor é constante, esta em toda parte, como um deus, “perfeito”, pois é a verdade, o poder. Auxiliadora, imperfeita diante desse homem, cabe-lhe o silêncio e a reclusão. Sua imperfeição: “[...] se expressava, também, na incapacidade das mulheres em controlar suas paixões, sendo movidas pelos prazeres carnis e não pela razão, atributo essencialmente masculino.” (LAQUEIR, 2001 APUD GALINKIN; ISMAEL, 2011, p. 512). Nas palavras de Seu Heitor, “Ocupar a cabeça dessa menina, senão o diabo toma de conta”, vemos a partir disso, o controle sobre sua sexualidade. Controlando sua subjetividade, transformando-a em besta, perdendo a racionalidade: “O sexo passa a ser construído como uma variável econômica e assim dever ser administrado e controlado.” (GALINKIN; ISMAEL, 2011, p. 514).

O ambiente reservado a jovem é o doméstico. Reprimida, quase não se ouve sua voz, o poder de Seu Heitor é esmagador, e controla sua subjetividade, de modo que: “[...] a mulher constrói sua representação no espaço privado - do lar. Invisível ao público, desnecessária econômica, social ou politicamente, ela existe apenas como figura de adorno ou utilitário para alguns serviços.” (GALINKIN; ISMAEL, 2011, p. 519).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

É importante notar a ausência de uma figura matriarcal. No filme, a mulher que vivia com Seu Heitor abandonando-o. Frustra-se, pois seus poderes não a atingiu.

Em suma, o ser mulher, no caso de Auxiliadora, está sob o olhar de Seu Heitor. O patriarcado que impõe e reprime esse ser, desprovendo-o de subjetividade. Percebe-se, que no final do longa-metragem, quando Seu Heitor é morto, Auxiliadora percebeu a fragilidade do homem, o prazer sexual, com o próprio corpo pode conseguir dinheiro, em outras palavras, livre para ser.

REFERÊNCIAS:

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. **História das mulheres no Brasil**. PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2007.

FIGUEIRÔA, Alexandre. **Cinema pernambucano: uma história em ciclos**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

GALINKIN, Ana Lúcia; ISMAEL, Eliana. Construção social do gênero. **Psicologia social: temas e teorias**. TORRES, Ana Raquel Rosas, et al. (orgs.) – Brasília: Technopolitik, 2011.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MOURA, Severino Rodrigues de. **Senhores de Engenhos e Usineiros, a Nobreza de Pernambuco**. FIAM-CEHM, SINDAÇÚCAR, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.